

Governo não cumpre metas

NÃO FORAM CRIADOS MAIS EMPREGOS E OS SALÁRIOS PERDERAM VALOR. HÁ DESÂNIMO NA AGRICULTURA E CONSTRUÇÃO.

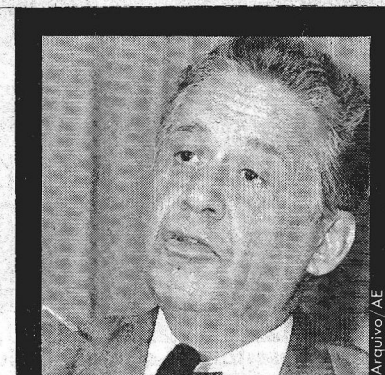
MARLI OLMOS

Ao assumir o Ministério da Fazenda, há seis meses, Fernando Henrique Cardoso disse ter uma fórmula capaz de preservar o poder de compra dos salários sem prejuízo ao programa de combate da inflação. Como senador, Fernando Henrique fez 73 projetos de lei para acabar com as desigualdades sociais. A preocupação com programas sociais para criar empregos também foi a tônica dos discursos do presidente Itamar Franco. Entretanto, a imobilidade do governo desanima setores que tinham uma ponta de esperança na recuperação da atividade e faz com que o assalariado se distancie cada vez mais da recomposição do poder aquisitivo.

Entre as áreas que o atual governo prometia estimular, a agrícola surge com uma legião de trabalhadores que ainda pagam o custo da recessão. "A política do governo Itamar é antiagrícola", resume o presidente da Sociedade Rural Brasileira, Pedro Camargo Neto. Ele aponta o entra-e-sai de ministros na pasta da Agricultura como evidência da falta de interesse governamental em reativar o trabalho no campo. E lamenta a marginalização do homem rural, ao lembrar, como exemplo, que 70% da área do milho são plantados por 20% dos produtores. "Os 80% restantes estão em condição de abandono", destaca.

A construção civil também se ressentiu de promessas não cum-

pridas. O déficit habitacional de 12 milhões de casas não é o único ponto negativo que o setor carrega por conta da falta de financiamentos para casa popular e outros itens ainda pendentes. Nos últimos 12 meses, 109 mil trabalhadores foram demitidos, dos quais 42 mil apenas em setembro. E o que é mais grave: em 1993, a construção terá os mais baixos números mensais de desemprego desde 1985.



Arquivo/AE

FHC: muitos projetos e promessas que não conseguiu executar.

O vice-presidente de Economia do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (Sinduscon), Eduardo Zaidan, tem certeza de que os ensaios de recuperação econômica de há alguns meses atrás foram mesmo uma bolha de consumo. "Houve aumento na folha de pagamento da União e as taxas de

juros baixaram. Com isso, a renda e o consumo aumentaram momentaneamente. Mas os sinais de reaquecimento de maio e junho não se sustentaram", destaca.

Para Zaidan, a construção civil e outros setores dependem do crescimento da economia como um todo. E, por isso, de nada adianta o crescimento localizado nas indústrias de automóveis e eletroeletrônicos. O seu pessimismo, para os próximos meses, se sustenta na distorção de comportamento da economia: o segundo semestre, que costuma ser mais aquecido, tem registrado números mais fracos que o primeiro.

A falta de uma política de emprego no Brasil será o tema que técnicos do Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) e do governo discutirão em São Paulo, nos dias 9, 10 e 11, com a participação do ministro Walter Barello.

Na Grande São Paulo, a taxa de desemprego em setembro ficou em 14%, com destaque para o deslocamento de mão-de-obra da indústria para o setor de serviços e mercado informal. O rendimento real médio do assalariado do setor privado, segundo o Dieese, ficou em agosto 38% abaixo do que era em 1985. "Essa questão precisa ter um tratamento especial no governo", diz o diretor técnico do Dieese, Sérgio Mendonça. Ele sugere ao governo que "busque realmente novas formas de criar emprego no curto prazo."